

Convívio

No hospital, os cinco profissionais atendem em consultório, mas cada um tem seus pacientes e é responsável por outras funções. Marina trabalha com a parte de exames de imagem, como ressonância magnética e tomografia, enquanto o pai e os irmãos atuam como cirurgiões cardíacos. Tieta diz que o convívio favorece o debate sobre casos clínicos e procedimentos, o que facilita o trabalho dos médicos e dá maior qualidade aos atendimentos: “Cada um traz as suas ideias e a gente chega a um consenso sobre a melhor solução”.

A médica também conta que costuma recorrer à mãe para tirar dúvidas, que considera a “cabeça clínica” da família. “Quando tem que trocar uma válvula ou desobstruir uma artéria de um paciente da minha mãe, ela indica o procedimento para nós. E, se tenho uma dúvida, bato na porta dela, ao lado da minha, para ter ideia do que falta no meu raciocínio, já que tenho bem menos experiência que ela, e isso ajuda muito”, relata.

Por compartilharem a rotina no hospital, o filho Heitor percebe que é mais fácil organizar os horários de cada um, quando precisam se ausentar do trabalho ou são chamados para fazer cirurgias de emergência. “Nosso horário é muito variável, porque ficamos de sobreaviso para operar, então, a gente precisa de muita ajuda para cobrir o outro, principalmente nos fins de semana, feriados e viagens. Em família, isso é bem mais fácil do que se fossemos só colegas”, expõe.

Apesar da troca de experiências e da melhor organização, o convívio frequente gera conflitos, como discordância sobre a condução de casos e choque de horários, mas Tieta garante que isso é uma parte normal do trabalho em equipe e que a família sempre se resolve sem grandes dificuldades. Marina acrescenta que a convivência no hospital ameniza o cansaço da rotina e brinca: “A gente quer tirar férias um do outro”.

A dinâmica não é positiva apenas para a família, mas também para os pacientes, que, segundo Tieta, se sentem mais acolhidos. “Como trabalhamos juntos, tratamos o paciente como se fosse nosso familiar, então eles ficam tranquilos de serem atendidos por um de nós quando o outro não pode e sentem-se mais confortáveis”, conta. Para Marina, é como se ela, os irmãos e os pais fossem uma “extensão de cuidado”.



Marina (E), Tieta (M) e Maria de Fátima (D), em congresso nos EUA



Heitor de Medeiros (D) e os filhos Tieta e Heitor no hospital



Arthur (D), marido neurocirurgião, Tieta, Heitor e Dênis, primo intensivista



Tieta e a anestesista Rebeca, que são primas

Salvar vidas

Para a família de médicos, todos os dias há casos marcantes. Tieta explica que cada um deles tem suas particularidades, mas no geral, chegam muitos pacientes graves ao hospital, “entre a vida e a morte”. Na opinião dela, a maior gratificação da sua profissão é poder salvar vidas, mesmo com a falta de perspectiva dos familiares daquelas pessoas.

“Uma vez, um paciente teve uma parada cardíaca em uma corrida. Fizemos o procedimento no hospital e conseguimos recuperá-lo. Hoje, ele está em casa e voltando a correr. Esses pacientes retornam felizes e gratos por termos salvado a vida deles e, para a gente, isso é uma motivação muito grande”, compartilha, alegre.

Para o filho Heitor, o que mais o encanta na profissão são os casos

agudos, em que os pacientes são de risco e o problema precisa ser resolvido com celeridade. “É sobre você mudar o destino de uma pessoa com dores muito fortes e chance de morte súbita, no curto prazo que você tem para encontrar uma solução imediata”, destaca.

Já para Marina, reconhecer um problema por meio dos exames de imagem, orientar o tratamento com base nisso e proporcionar maior qualidade de vida aos pacientes são suas maiores alegrias como profissional. “Quando identifico um diagnóstico nunca antes descoberto e percebo que vou abrir portas para um novo tratamento, isso me dá prazer e a noção da responsabilidade que tenho. Fico muito feliz de poder ampliar a visão dos cardiologistas para além de outros métodos. Temos em nossas mãos o presente e o futuro dos pacientes”, relata, honrada.

Aprendizado

Heitor Maurício diz que se orgulha muito dos filhos, não só por terem seguido os passos dos pais, mas pelos profissionais de excelência que se tornaram. Após anos de convivência no hospital, o pai reconhece que ainda tem muito o que aprender com eles. “Tieta e Heitor sempre me acompanham nos procedimentos mais complexos. Hoje, eu os observo e aprendo com eles. Para mim, eles são os melhores e me orgulha tê-los como protagonistas na parte hemodinâmica e estrutural”, conta, sorridente.

Prevenção

Tieta, que faz sucesso na internet contando o dia a dia da família no trabalho, mostra preocupação com a grande quantidade de pacientes jovens que estão infartando. “Antes,

isso era mais comum depois dos 55 anos, mas agora está ocorrendo muito com pessoas abaixo dos 40”, aponta. Por isso, ela destaca a importância de fazer exames de rotina para o coração e buscar acompanhamento médico para uso de substâncias controladas, como reposição hormonal, e antes de iniciar exercícios físicos de alta intensidade.

Marina também ressalta que muitas doenças podem ser silenciosas, como em casos genéticos, então, a prevenção é essencial. “Sem informação, as pessoas ficam vulneráveis e acham que estão seguras. Muitas vezes, um eletrocardiograma e um exame físico são suficientes, mas importante fazer um check-up, porque do básico a gente parte para exames mais complexos, a depender do caso”, explica.

Estagiária sob a supervisão de Ana Sá